



## ESPECIAL 16.º ANIVERSÁRIO



O edifício do Millennium BCP na rua Augusta acolheu o debate sobre as ideias dos alunos com os professores e os reitores.

# Vistas curtas não deixam a economia ir mais longe

Demasiado focada no hoje e pouco no amanhã. É assim que os professores e alunos de economia descrevem a mentalidade portuguesa que impede o avanço da economia. Falta o motor das mudanças estruturais que são capazes de tornar o país mais competitivo e, a partir daí, acelerar o crescimento.

**TIAGO VARZIM** tiagovarzim@negocios.pt **FILOMENA LANÇA** filomenalanca@negocios.pt **ANDRÉ VERÍSSIMO** averissimo@negocios.pt

**O** que falta a Portugal para ser mais competitivo? A resposta, dada por professores e alunos de economia, centra-se numa ideia base: o país tem vistas curtas, colocando frequentemente a estratégia de longo prazo em segundo plano.

Esta é a posição comum de seis professores e seis alunos de escolas de economias e gestão que

o Negócios juntou num debate com o mote “Como pôr Portugal a crescer mais?”.

Foram os alunos a vincar esse ponto. Nuno Tirapicos, aluno da NOVA SBE, foi o primeiro a lembrar a dicotomia entre o curto e o longo prazo: “Há reformas estruturais que têm de ser feitas. Quando nos focamos no PIB a curto prazo esquecemos isto”.

“Em Portugal só se pensa no curto prazo”, criticou Diogo Bárbara, aluno da ISCTE Business

School, admitindo que esse problema é comum a outros países. “O Governo promove esse pensamento a curto prazo”, apontou Edgar Silva, estudante da Porto Business School, argumentando que “não é possível pensar a quatro anos se queremos ser sustentáveis”.

A visão de futuro acaba por ser também importante para uma expressão que marca (quase) todas as discussões entre economistas: a estabilidade fiscal e o investi-

mento. “Não há nada pior ao investimento do que a incerteza fiscal”, destacou Pedro Brinca, professor da NOVA SBE.

A solução passa por “acreditar no longo prazo, mas com sentido de urgência no curto prazo”, notou Sofia Salgado Pinto, diretora da Católica Porto Business School. Ou seja, começar já a construir o futuro. Até porque, assinalou Roman O’Callaghan, diretor da Porto Business School, a concorrência internacional na

fase de desenvolvimento da economia nacional tem de ser pela qualidade e pela diferenciação e não pelo preço.

## Identificar os problemas

Se há um problema têm de ser identificadas as suas raízes. A conclusão é que, além da visão de curto prazo, as limitações da economia portuguesa encontram-se na justiça, na demografia e a má gestão das empresas.

“Temos um problema gravis-

sim do ponto de vista dos prazos de pagamento”, começou por identificar Pedro Brinca, referindo que, apesar das melhorias, este é um atraso que continua.

Um problema que pode estar relacionado com a fraca qualidade da gestão das empresas. “Quando olho para os rankings, no lado da gestão há em Portugal um défice de práticas de gestão, de corporate governance e de formação ao longo da vida”, destaca Roman O’Callaghan.

Mais estrutural ainda é o problema demográfico identificado por Henrique Monteiro, diretor do mestrado em economia da ISCTE Business School. “Portugal é um dos países mais envelhecidos da União Europeia”, alerta, referindo que o Estado social “acabará por ser um peso muito grande a ser pago por poucos” no futuro.

### Criar as soluções

Além da estabilidade fiscal e do investimento público e privado, uma melhor alocação dos recursos, a incorporação de tecnologia, a aposta na inovação e no mar e o acolhimento de imigrantes são alguns dos fatores que podem acelerar a economia.

Sofia Salgado Pinto lançou as primeiras pistas: “O nosso país tem muitas competências e valências que pode aproveitar para potenciar as exportações”. Portugal tem de identificar as áreas de futuro “onde vale a pena investir”.

Consensual é também a ideia de que o futuro passa pela tecnologia e pela formação. A esperança é que essa aprendizagem também fomente a “cultura empresarial de empreendedorismo”, de inovação e de colaboração. “Quando as pessoas estão juntas as ideias surgem”, sublinhou Maria de Fátima Carioca, diretora da AESE.

Certo é que esta discussão poderia “durar uma semana”, tal como fez questão de frisar Pedro Brinca, dada a abrangência de assuntos agregados no tema do crescimento económico. O objetivo de “ser competitivo e manter a coesão social” é difícil. “Se fosse fácil não estávamos aqui a ter um fórum sobre isto”.

## Professores e estudantes concordam: PIB não é tudo

O indicador económico que mais tinta faz correr é indiscutivelmente o PIB. Governos, mercados, agências de rating, bancos centrais e empresas olham constantemente para a sua evolução para fazer escolhas e tomar decisões. Mas o PIB “não é tudo”, alerta Diogo Bárbara, aluno da ISCTE Business School, corroborado pelo professor Henrique Monteiro que considera que o indicador é “sobrevvalorizado”. “É importante olhar para o PIB, mas este não conta a história toda”, avisa.

Aluno e professor participaram esta segunda-feira na iniciativa promovida pelo Negócios sobre como “pôr Portugal a crescer mais”. “Olhamos muito para o PIB e o seu número – quanto é que queremos que cresça – e esquecemos de olhar para outras componentes”, destacou Diogo Bárbara, argumentando que é preciso ter em conta o impacto do crescimento nas alterações climáticas, saber que tipo de emprego está a ser criado e se a expansão da economia “é só para alguns ou se contribui para combater as desigualdades sociais”.

E dá um exemplo: durante a atual recuperação económica “as pessoas demoram muito a sentir o crescimento” e, por isso, propõe que o indicador económico esteja “mais perto do bem-estar”.

Estes são temas centrais na discussão política da atualidade, notou Pedro Brinca: “As desigualdades têm aumentado de forma brutal”. Henrique Monteiro corrobora que Portugal “tem um nível de desigualdade relativamente elevado”.

Mas o próprio estudante reconheceu falhas aos especialistas, admitindo que “os economistas falam muito de números e pouco de pessoas”.

“As pessoas não compreendem o que pode vir a ser feito em termos de problemas fundamentais para a economia e para o crescimento”, rematou.

## QUE VISÃO DE FUTURO PARA O PAÍS?

O Negócios desafiou os oradores a, em poucas palavras, dizer o que Portugal pode ser no futuro. Alunos e professores mostraram-se otimistas, mas assinalaram o caráter de urgência nesta missão de construir um futuro diferente.



SARA CAETANO  
ESTUDANTE DA AESE  
BUSINESS SCHOOL

**“Falta-nos audácia. Os portugueses têm de entender que a ambição é positiva. Não nos devemos limitar”.**



RAMON O'CALLAGHAN  
DIRETOR DA PORTO  
BUSINESS SCHOOL

**“Espero que seja um país moderno com um equilíbrio entre tradição e inovação, sem estar preso no passado”.**



PEDRO BRINCA  
PROFESSOR DA NOVA SBE

**“Portugal pode ser aquilo que quiser ser. É preciso enfatizar a questão do longo prazo e das reformas estruturais”.**



ILLDYE TEM JUA  
ESTUDANTE DA CATÓLICA  
PORTO BUSINESS SCHOOL

**“Portugal pode ser mais competitivo se apostar na formação e na inovação e se aproveitar os recursos naturais”.**



FÁTIMA CARIOCA  
DIRETORA DA AESE  
BUSINESS SCHOOL

**“O sonho passará por ter um Portugal para todos. Espero que externamente seja um Portugal aberto ao mundo e a todos”.**



MIGUEL DUARTE  
ESTUDANTE DO ISEG

**“Portugal tem de atrair investimento direto estrangeiro que esteja disposto a cooperar com as empresas nacionais”.**



NUNO TIRAPICOS  
ESTUDANTE DA NOVA SBE

**“Portugal pode ser mais aberto e mais participativo. Ser mais recetivo a mudar, em específico os gestores”.**



HENRIQUE MONTEIRO  
PROFESSOR DA ISCTE  
BUSINESS SCHOOL

**“Portugal tem de mudar para se tornar um país onde os jovens sejam valorizados pela sua inovação”.**



EDGAR SILVA  
ESTUDANTE DA PORTO  
BUSINESS SCHOOL

**“Para o país evoluir as empresas têm de estar abertas a novas ideias das formações que sejam implementadas na prática”.**



ANA MORAIS  
VICE-PRESIDENTE DO ISEG

**“O ideal seria conseguirmos crescer sem deixar ninguém para trás, nomeadamente na parte tecnológica”.**



SOFIA SALGADO PINTO  
DIRETORA DA CATÓLICA  
PORTO BUSINESS SCHOOL

**“Temos de acreditar no longo prazo, mas com sentido de urgência no curto prazo e começar a investir já”.**



DIOGO BÁRBARA  
ESTUDANTE DA ISCTE  
BUSINESS SCHOOL

**“É preciso repensar o sistema económico. A economia não é tudo... Tem de estar de mãos dadas com as pessoas”.**